

Site Brasil Energia – 19/02/2008

Perigo foi grande em janeiro

Antonio Carlos Sil

O risco de déficit em janeiro bateu em 22%, revelou o último relatório do Programa Energia Transparente, apresentado pela PSR e Instituto Acende Brasil nesta terça-feira, 19/2, em São Paulo. A causa principal foi o desequilíbrio estrutural entre a demanda e oferta de energia firme, por conta dos problemas de suprimento de gás natural para usinas térmicas.

As chuvas providenciais no final do mês passado e início de fevereiro, segundo Mario Veiga, consultor da PSR, resolveram o imbróglio e evitaram possivelmente a adoção de medidas extremas por parte do governo. Ou seja, o deslocamento de enormes volumes de gás natural de outros mercados de consumo (GNV, refinarias e indústria) para atender a geração térmica. "Ainda sim, não há hoje regras que suportem esse tipo de decisão, o que, mesmo em situação de emergência, daria margem a inevitáveis questionamentos jurídicos".

Veiga explicou que o desequilíbrio atual deixou o sistema vulnerável mesmo a estiagens mais brandas. O ano passado, por exemplo, terminou com vazões razoáveis. A energia afluyente em 2007 foi de 104% da média de longo termo. Os reservatórios, por sua vez, também apresentavam uma situação melhor do que em 2003, quando tinham apenas 33% de armazenamento, ante 44% em 2007.

O buraco na disponibilidade de energia firme, segundo ele, está em torno de 6 mil MW médios - equivalente à capacidade do complexo do rio Madeira somada a Angra 3 - e começou a tomar forma em 2004. Foi nessa época, por exemplo, que a Argentina cortou 2 mil MW médios da interconexão CIEN e outros 300 MW médios da usina de Uruguaiana que consumia gás daquele país.

Depois, em 2007, a Bolívia interrompeu o fornecimento a usina de Cuiabá, com prejuízo de 200 MW médios. Os demais 4 mil MW da conta são representados pelas usinas da Petrobras cuja operação também foi limitada por falta de combustível e descontada nos cálculos de risco feitos pela Aneel.

A solução para esse déficit depende agora dos cronogramas da Petrobras. Ou seja, da disponibilidade de gás da bacia do Espírito Santo e também da chegada do GNL. Isso se as atuais negociações com a Bolívia não chegarem a um impasse já que o país pretende repassar gás do Brasil para resolver as dificuldades enfrentadas pela Argentina.